

# Sujeito Nulo, Ordem VS e Focalização do Sujeito em cartas pessoais brasileiras dos séculos XIX e XX

Null Subjects, VS order and focused subjects in Brazilian letters from the 19th and 20th centuries

**Silvia Regina de Oliveira Cavalcante<sup>1</sup>** 

silviare@letras.ufrj.br

**Anna Beatriz Cavalcante de Melo da Cruz<sup>2</sup>** 

annabeatrizcruz@letras.ufrj.br

**Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado<sup>3</sup>** 

annalyssa@letras.ufrj.br

<sup>1,2,3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro

## Resumo

Este trabalho traz uma análise comparativa da evolução do sujeito pronominal nulo (*vs.* pleno) em comparação com a evolução das construções de sujeitos pós-verbais (ordem VS) observando o *status* informacional do sujeito e os sujeitos focalizados em um *corpus* de cartas escritas por brasileiros nascidos nos séculos XIX e XX. Tal comparação se baseia na premissa de que as mudanças paramétricas que ocorrem no PB no que tange ao Parâmetro do Sujeito Nulo têm efeito na ordem do sujeito. De acordo com a literatura sobre sujeito nulo, uma língua de sujeito nulo consistente permite ordem VS “livre”, ou seja, sujeitos pós-verbais que têm estatuto informacional de informação nova ou foco. Desse modo, ao compararmos os índices de sujeito nulo com ordem VS e focalização do sujeito numa amostra diacrônica, podemos ver o encaixamento da mudança. Nossos resultados mostram que a diminuição nos índices de sujeito nulo é acompanhada pela diminuição nos índices de ordem VS e de focalização do sujeito pós-verbal. Além disso, vemos uma especialização das construções clivadas para marcar foco contrastivo. Os resultados

## Editores-chefes

Marcus Dores  
Célia Lopes

Recebido: 12/02/2025

Aceito: 11/04/2025

## Como citar:

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira; CRUZ, Anna Beatriz Cavalcante de Melo da; MACHADO, Anna Lyssa do Nascimento Donato. Sujeito Nulo, Ordem VS e Focalização do Sujeito em cartas pessoais brasileiras dos séculos XIX e XX. Revista LaborHistórico, v.11, n.2, e67184, 2025. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i2.67184>

confirmam as hipóteses sobre uma gramática de sujeito nulo estar relacionada à ordem VS para marcar informação nova ou informação focalizada.

### Palavras-Chave

Mudança Linguística. Ordem VS. Focalização. Sujeito Nulo. Português Brasileiro

### Abstract

This paper brings a comparative analysis of the evolution of the null (*vs.* overt) pronominal subject in comparison with the evolution of post-verbal subject constructions (VS order) observing the informational *status* of the subject and the focused subjects in a *corpus* of letters written by Brazilians born in the 19th and 20th centuries. This comparison is based on the premise that the parametric changes that occur in BP regarding the Null Subject Parameter have an effect on the subject order. According to the literature about null subjects, a consistent null subject language allows for “free” VS order, that is, postverbal subjects that have the informational status of new information or focus. In this way, when we compare the null subject rates with VS order and subject focusing in a diachronic sample, we can see the embedding of the change. Our results show that the decrease in null subject rates is accompanied by a decrease in the rates of VS order and post-verbal subject focusing. Furthermore, we see a specialization of cleft constructions to mark contrastive focus. The results confirm the hypotheses that a null subject grammar is related to VS order to mark new information or focused information.

### Keywords

Language Change. VS Order. Focus. Null Subjects. Brazilian Portuguese

## Introdução

O Português Brasileiro (PB) se caracteriza por ser uma gramática com ordem VS restrita a construções inacusativas (“Chegou a encomenda”) e de inversão locativa (“Na esquina mora a Ana”), tal como ocorre em línguas de sujeito pleno, como o Francês ou o Inglês. Os trabalhos sobre o assunto, sobretudo os diacrônicos, têm revelado o caminho da mudança por que passa o PB: perda de VS em interrogativas (Duarte, 1992; Nicolau de Paula, 2017), perda de VS para marcar foco informacional ou contrastivo (Berlinck, 1989; Cruz, 2021; Machado, 2021), até chegar a uma VS restrita a contextos inacusativos e de inversão locativa (Tarallo, 1993; Kato, 2000;

Pilati, 2017; Cavalcante, 2018)<sup>4</sup>. Além disso, o foco é marcado pelas construções clivadas (Kato, 2009; Cruz, 2021). A VS restrita no PB tem sido associada a propriedades de língua de sujeito nulo parcial (Galves, 1998; Galves e Kroch, 2016).

Tendo isso em mente, pretendemos aqui analisar o encaixamento da mudança no Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) em comparação com a evolução da ordem VS em cartas pessoais de missivistas brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX, do *Corpus* de História da Língua Portuguesa, Corpus HistLing (<https://histling.lettras.ufrj.br/index.php/corpus>). Para tanto, objetivamos: (a) mostrar a evolução dos sujeitos pronominais nulos (em relação aos plenos) de referência definida, ao longo do tempo, como ilustrado em (1), (b) mostrar a evolução da ordem VS *vs.* SV em contextos sintáticos distintos ao longo do tempo, como ilustrado em (2), e (c) mostrar como ocorre a marcação de foco do sujeito, como mostrado em (3):

- (1) **a.** A Maria disse que [0] comeu o bolo de chocolate.  
**b.** Quando o João chegou, ele foi logo querendo jantar.
- (2) **a.** As crianças brincam.  
**b.** Quando o João chegou, ele foi logo querendo jantar.
- (3) **a.** Foi o João que comeu o bolo de chocolate.  
**b.** Comeu o bolo de chocolate o João.

Segundo Kroch (2001) e Lightfoot (2003), fenômenos relacionados a uma mesma mudança paramétrica vão estar relacionados estatisticamente. Desse modo, esperamos encontrar uma relação estatística entre a diminuição dos índices de VS nas cartas e o aumento dos sujeitos pronominais plenos: se estamos diante de uma mudança paramétrica (que envolve o PSN), as mudanças relacionadas a esse parâmetro estarão relacionadas estatisticamente. Assim, à medida que diminuem tanto os índices de VS quanto os contextos (sintáticos ou discursivos) em que ela aparece, diminuem também os índices de sujeito nulo. As cartas pessoais podem se constituir como uma amostra em que é possível observar essa relação. Além disso, se, de fato, como propõem os trabalhos teóricos, a ordem VS restrita está relacionada a características de uma gramática de sujeito nulo parcial, os resultados quantitativos serão reveladores.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, trazemos uma pequena revisão da literatura com alguns resultados sobre sujeito nulo e ordem SV/

---

<sup>4</sup> Não é o foco do nosso trabalho apresentar os resultados de inversão locativa, pois é um contexto em que o sujeito está sempre em posição pós-verbal. Como estamos trabalhando com a diminuição de VS ao longo do tempo, estamos analisando contextos em que há variação SV *vs.* VS, e a inversão locativa não tem variação.

VS; na seção 2, apresentamos o *corpus* e a metodologia, seguida da análise quantitativa e da interpretação dos resultados; finalmente, apresentamos as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

## Sintaxe da ordem e do sujeito nulo no PB: breve revisão da literatura

Desde o trabalho seminal de Tarallo (1993), que relacionou as características sintáticas do PB a uma mesma mudança, muitas pesquisas sobre sujeito e objeto nulos, sobre a mudança no paradigma pronominal e relativas têm sido desenvolvidas. Para Tarallo (1993), a gramática do PB, que emerge nos textos na virada do século XIX para o século XX, se caracteriza por sujeitos plenos, objetos nulos, relativas cortadoras e copiadoras e ordem VS restrita a construções inacusativas. Para o autor, essas quatro mudanças são consequência da reorganização do paradigma pronominal do PB, que passa de um paradigma de seis pessoas a somente quatro, se observarmos a distinção morfológica. A título de exemplo, bem resumidamente, podemos citar os trabalhos de Duarte (1993; 1995; 2019) sobre o sujeito nulo; Berlinck (1989) sobre ordem VS; Cyrino (1994) sobre objetos nulos.

Dentro da teoria gerativa, diversas análises têm sido desenvolvidas sobre o PSN, que tem sofrido modificações ao longo do tempo, tendo em vista o maior número de línguas descritas. Os primeiros estudos sobre o PSN associam o licenciamento e a interpretação do sujeito nulo a um paradigma flexional rico, ao comparar primeiramente Inglês com Italiano; assim, inglês seria uma língua não *prodrop* ao passo que Italiano se caracterizaria por ser uma língua *prodrop*: basicamente a grande diferença entre línguas *prodrop* e não *prodrop* é que nas primeiras é possível a posição de sujeito pronominal ser preenchida com uma categoria vazia, ao passo que nas segundas até mesmo quando o sujeito é expletivo, há a necessidade de preencher a posição com um pronome expletivo:

- (4) a. *pro* llueve  
b. *pro* chove

- (5) a. *it* rains  
b. *il* pleut

Algumas características têm sido associadas ao PSN, o que vai diferenciar as línguas *prodrop* das não *prodrop*, como apontam Eguren e Soriano (2004); D'Alessandro (2015): (i) sujeitos pós-verbais, como nos exemplos em (6); (ii) extração do sujeito de uma subordinada, como vemos em (7) e (iii) concordância do verbo copulativo com o seu SN pós-verbal, como vemos em (8).

- (6) a. Ha llegado Juan.  
 b. Chegou o João.  
 c. John has arrived (\*Has arrived John)  
 d. Jean est arrivé (\*Est arrivé Jean).
- (7) a. ¿Quién<sub>i</sub> dijiste que t<sub>i</sub> salió temprano?  
 b. Quem você disse que saiu cedo?  
 c. \*Who did you say that left early?
- (8) a. Eres tú.  
 b. Somos nós.  
 c. It is you (\*are you / \*it are you).

Essas características, entretanto, não dão conta da grande variedade de línguas de sujeito nulo que têm sido descritas. Holmberg (2010), partindo de Rizzi (1982), faz uma divisão entre as línguas de sujeito nulo: línguas de sujeito nulo consistente e línguas de sujeito nulo parcial. Rizzi (1982:142) propõe dois parâmetros: (1) INFL (Tense) pode ser especificado como [+pronominal], que distingue as línguas de sujeito nulo das línguas de sujeito não nulo; e (2) INFL (Tense) que é [+pronominal] pode ser referencial, que distingue as línguas de sujeito nulo entre as que permitem todo tipo de sujeito nulo (referencial e não referencial) e as línguas de sujeito nulo que só permitem sujeito nulo não-referencial. A partir daí, Holmberg (2010) propõe que o que distingue as línguas de sujeito nulo é também a definitude: há línguas de sujeito nulo parcial, que permitem o sujeito nulo com referência indefinida, como seria o caso do Finlandês e do PB, para Holmberg, como o exemplo a seguir, que já tinha sido descrito por Galves (2001):

- (9) Não usa mais saia curta (Galves, 2001).

Figueiredo Silva (2017:196) traz uma grande revisão dos trabalhos sobre sujeito nulo que apontam para a existência de cinco tipos de língua de sujeito nulo:

- (a) línguas de sujeito nulo consistente, em que sujeitos nulos referenciais poderiam ser nulos (na situação discursiva adequada), como o italiano ou o PE; aqui é a flexão dita “rica” que garante a interpretação para eles; (b) línguas de sujeito nulo radical, em que argumentos em geral podem ser nulos, como o chinês ou o japonês; nessas línguas não há qualquer marca flexional para garantir sua interpretação, advinda então do discurso, ao que tudo indica; (c) línguas de sujeito nulo parcial, em que sujeitos nulos referenciais são possíveis, mas num conjunto bastante restrito de contextos, ou com interpretação genérica ou indefinida, como o

PB ou o finlandês; essas línguas não apresentam flexão “rica” como a do italiano, por exemplo; (d) línguas de sujeito nulo expletivo, em que apenas expletivos podem ser nulos, jamais sujeitos com interpretação referencial, como é o caso do alemão ou do crioulo haitiano; essas línguas tampouco desfrutaram de sistemas flexionais ricos, ainda que haja bastante variação no número e tipo de marcas flexionais encontradas; (e) línguas sem sujeito nulo, em que nenhum tipo de sujeito nulo é admitido, como é o caso do inglês ou do francês; nelas o sistema flexional é reconhecidamente empobrecido” (Figueiredo Silva, 2017, p.195)

Essa classificação, entretanto, é questionável, principalmente no que diz respeito ao fato de o PB ser uma língua de sujeito nulo parcial, pelo tipo de restrições para o sujeito nulo. Entretanto, não nos estenderemos nesse debate, tendo em vista que vamos trabalhar aqui com a relação entre a mudança paramétrica na posição de sujeito que afeta a ordem VS e a focalização do sujeito. Duarte (1993; 1995; 2019) tem mostrado como a mudança afetou os sujeitos nulos no PB, tanto do ponto de vista diacrônico quanto do ponto de vista sincrônico: na amostra de peças brasileiras escritas nos séculos XIX e XX, Duarte (1993; 2019) observa a diminuição dos índices de sujeito nulo ao longo do tempo e, na comparação com amostras de fala do PB e do Português Europeu (PE), a autora observa índices mais baixos de sujeito nulo para o PB, considerando amostra de falantes cultos. Num quadro comparativo, podemos ver uma diferença significativa de percentuais de sujeito nulo entre o PB e outras línguas românicas em amostras de língua falada. Na tabela a seguir, vemos essa diferença com base em dados de fala. A título de esclarecimento, as siglas ou abreviaturas nela introduzidas significam Ensino Médio (EM), Espanhol de Buenos Aires (Esp. BA) e Espanhol de Madri (Esp. Madri).

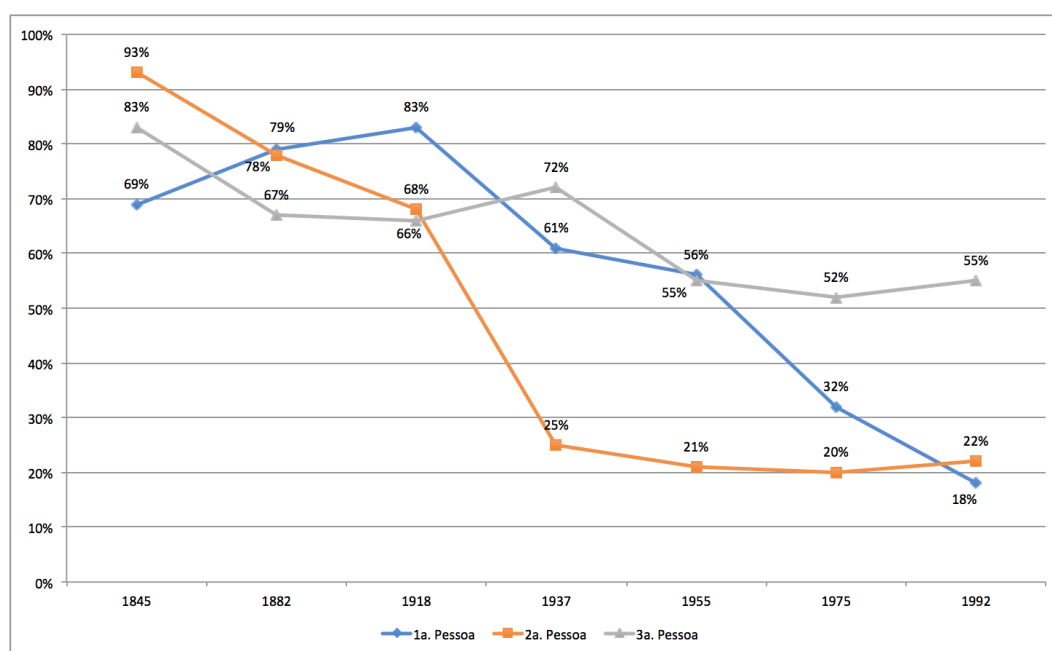
**Tabela 1:** Comparação dos índices de sujeito nulo pronominal em amostras de fala contemporâneas

	PB (EM) (Duarte, 2003)	PB 3o Grau (Duarte, 2003)	PE (Duarte, 1995)	Esp, BA (Silva, 2006)	Esp. Madri (Silva, 2006)	Italiano (Marins, 2009)
<b>Nulo</b>	843	415	738	843	943	630
<b>Total</b>	4262	1424	1116	1221	1244	751
<b>% Nulo</b>	20%	29%	55%	59%	76%	84%

**Fonte:** Cavalcante (2024)

A Tabela 1 traz dois tipos de informação relevante no que tange às línguas de sujeito nulo: em primeiro lugar, o PB apresenta um comportamento muito distante do comportamento das outras línguas de sujeito nulo; em segundo lugar, os índices das línguas de sujeito nulo não são próximos, oscilando entre 66% (PE) e 84% (Italiano). Podemos ver que os índices de sujeito nulo nas amostras de fala do PB (ensino médio e ensino superior) são muito inferiores aos índices de sujeito nulo nas amostras de fala do PE, do Espanhol de Buenos Aires, do Espanhol de Madri e do Italiano. Já por essa diferença percentual, podemos dizer que se trata de gramáticas distintas: PB não possui o mesmo comportamento para os sujeitos nulos do que as outras línguas de sujeito nulo (LSN) aqui apresentadas. Numa LSN, o sujeito pronominal pleno possui uma informação de ênfase ou contraste, que não possui no PB. Por exemplo, em “O João disse que *ele* arrumou a mala”, o sujeito pleno “ele” da oração encaixada no PB tem uma interpretação neutra, não contrastiva; no PE, tem uma interpretação contrastiva, como “ele mesmo e não outra pessoa”. Tal diferença de interpretação se reflete nos percentuais de sujeito nulo nas amostras do PE e do PB. Entretanto, precisamos ainda ver as diferenças nos contextos sintáticos de licenciamento do sujeito nulo. Para tanto, recorreremos aos trabalhos de Duarte (2019), sobre os sujeitos pronominais de 1a. 2a. e 3a. pessoas, que apresentam a evolução do sujeito nulo ao longo do tempo em peças cariocas dos séculos XIX e XX. Contrariamente ao que se pensava sobre a relação entre morfologia rica e sujeito nulo, a autora mostra que os índices de sujeito nulo são mais altos nos sujeitos de 3a. pessoa, do que nos sujeitos de 1a. e 2a. pessoa, como podemos ver no gráfico a seguir, adaptado de Duarte (2019):

**Gráfico 1:** Percentual de sujeito nulo (vs. pleno) nas peças de teatro brasileiras (adaptado de Duarte, 2019)



**Fonte:** Adaptado de Duarte (2019:101-102)



Vemos que o comportamento dos sujeitos de 1a. e 2a. pessoas difere do comportamento dos sujeitos de terceira pessoa: enquanto os índices de sujeito nulo de 1a. e 2a. pessoa sofrem uma queda mais acentuada, os índices de sujeito nulo de 3a. pessoa se mantêm mais estáveis ao longo do tempo, com uma curva descendente menos acentuada. Duarte (2019) também mostra que a diminuição nos índices de sujeito nulo ocorre de forma diferente de acordo com os padrões estruturais e do antecedente do sujeito (referente do sujeito pronominal nulo ou pleno), principalmente no que tange à escala de referencialidade: quanto mais referenciais ([+humano, +específico]), que são os sujeitos de 1a. e 2a. pessoas, maior tendência ao preenchimento da posição de sujeito e quanto menos referenciais ([-humano, -específico]), maior tendência ao sujeito nulo consoante resultados anteriores, como os de Cyrino, Duarte e Kato (2000). Além disso, para os sujeitos de 3a. pessoa, o padrão estrutural interfere na manutenção do sujeito nulo: os índices de sujeito nulo são mais altos quando o sujeito nulo está numa oração encaixada, c-comandado pelo seu antecedente na matriz. Os resultados de Duarte (2019) revelam não só uma diminuição nos índices de sujeito nulo ao longo do tempo, mas também uma especificidade de contextos sintático-semânticos para a manutenção do sujeito nulo, como por exemplo, as sentenças encaixadas ou o traço semântico do referente do sujeito.

Na nossa análise, testamos se em cartas pessoais esses fatores exercem alguma influência na manutenção do sujeito nulo de 3a. pessoa; e consideramos a análise de Galves (1993) revista em Galves (2019) sobre o peso de uma categoria funcional como AGR (Concordância) para o licenciamento da categoria vazia na posição de sujeito. No modelo de Regência e Ligação, em que AGR era uma categoria funcional, Galves (1993) propõe que AGR no PB é fraca, no sentido de haver somente oposição entre pessoa e não-pessoa, e por isso há a necessidade do preenchimento do sujeito pronominal, que pode identificar a pessoa. Galves (2019) retoma a sua proposta de 1993, agora no Modelo do Programa Minimalista, em que AGR não tem mais *status* de categoria funcional, mas são traços-*phi* no núcleo funcional Tempo (Tense) e retoma a proposta de que o sujeito no PB está numa posição A-barra. Essa análise explica como se dão as construções com “duplo sujeito”, em que o pronome retoma um tópico, como em (10), as construções de hiperalçamento, como em (11) e também as construções de tópico sujeito, como em (12).

(10) Essa competência, ela é de natureza mental.

(11) O João parece que ele comprou um carro.

(12) As ruas do centro não estão passando carro.

Com relação ao licenciamento do sujeito nulo, Galves (2019), propõe como Modesto (2000) e Avelar e Galves (2011) que o sujeito nulo tem que ser associado



a um tópico, o que explica os índices mais altos de sujeito nulo em Duarte (2019) nos contextos em que o sujeito nulo é c-comandado pelo seu antecedente.

Com relação à ordem VS, Berlinck (1989) foi pioneira ao observar a diminuição da ordem VS ao longo do tempo e a mudança para uma VS restrita a contextos monoargumentais inacusativos. Além disso, a autora observa que, na amostra do século XVIII, a ordem VS era favorecida principalmente pelo estatuto informacional do sujeito - especificamente, sujeito que veiculam informação nova; já na amostra do século XX o fator que mais favorece VS é a transitividade do verbo. A partir de então, diversos trabalhos têm sido desenvolvidos associando a ordem VS restrita à mudança no PSN (Kato, 2000).

Qual seria a relação entre a ordem VS e o Parâmetro do Sujeito Nulo? Para Barbosa, Duarte e Kato (2005), numa língua de sujeito nulo, como o PE, a concordância “rica” é do tipo pronominal no sentido de ter o conjunto completo de traços-*phi* e também um traço nominal, que é capaz de checar o EPP (Princípio de Projeção Estendida, do inglês *Extended Projection Principle*). Assim, o afixo verbal checa o EPP e identifica a categoria vazia do tipo *pro* que fica no Especificador de VP. No caso de sujeitos nominais, como a concordância é capaz de checar o EPP em T, não há necessidade de mover o sujeito para Spec, T, ficando então a ordem VS. Para as autoras, uma sentença com ordem SV no PE é uma sentença derivada em que o sujeito forçosamente será um tópico. Ora, se no PB, a concordância não é capaz de checar EPP, havendo a necessidade de ter um elemento para checar o EPP, deriva-se a ordem SV.

No PB, a ordem VS de inacusativas é a ordem não derivada, pois o argumento dos verbos inacusativos é interno; a ordem SV é a ordem canônica, no sentido de o Sujeito ter que se mover para checar o EPP. Isso tem influência nas construções de foco: se não há mais como o sujeito pós-verbal ser interpretado como informação nova ou informação focal, outras estratégias de focalização acabam aparecendo e ganhando terreno.

Particularmente, neste trabalho, vamos analisar num mesmo corpus diacrônico a evolução de três fenômenos - o sujeito nulo, a ordem VS e as construções de focalização - a fim de tentar verificar a relação entre a diminuição dos índices de sujeito nulo e o aparecimento da ordem VS restrita. Ao controlar as restrições num mesmo corpus, seguindo a mesma metodologia, podemos perceber as mudanças ocorrendo juntas ao longo do tempo. Por hipótese, acreditamos que as mudanças envolvendo sujeito nulo, a posição e a expressão do sujeito já atestadas em trabalhos anteriores serão observadas na amostra de cartas pessoais.

Assim, esperamos encontrar o seguinte quadro:

- uma diminuição do percentual de sujeitos nulos ao longo do tempo, seguindo a tendência observada em trabalhos anteriores;

- uma diminuição dos índices de sujeitos pós-verbais ao longo do tempo até um quadro de ordem VS restrita a construções inacusativas;
- e em consequência da ordem VS restrita, uma mudança nas construções de foco, uma vez que o sujeito pós-verbal não é mais marcado para foco informacional, e a posposição deixa de ser uma estratégia de focalização sintática do sujeito.

Para tanto, apresentamos aqui os resultados da mudança de acordo com alguns contextos sintáticos, semânticos e informacionais para o sujeito nulo, a ordem VS e a focalização do sujeito. Além disso, acreditamos que os resultados aqui apresentados poderão contribuir para os estudos sobre a mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo no PB, uma vez que os três fenômenos podem estar associados a uma única mudança paramétrica.

## Corpus e Metodologia

Para este trabalho, foram analisadas cartas pessoais, que são parte do acervo de diferentes famílias brasileiras, pertencentes ao Projeto Laboratório da Língua Portuguesa - e que compõem parte do *Corpus* HistLing.<sup>5</sup> As cartas são organizadas por fundo familiar: o casal Ottoni, Benjamin Constant, Pedreira Ferraz-Magalhães, Família Pena, o casal Jayme e Maria, Frazão Braga e Salgado Lacerda. Algumas dessas famílias são formadas por pessoas ilustres, com reconhecimento não só na sociedade à época em que viviam como na sociedade atual, por envolvimento na política nacional. A seguir, apresentamos brevemente os missivistas de cada família que foram considerados em nossa análise.

O casal Ottoni é composto por Christiano e Bárbara Ottoni. Christiano, nascido em 1811, foi uma figura importante na histórica política brasileira, por ter sido Senador do Império e, posteriormente, com Proclamação da República, também Senador Federal. Já Bárbara, sua esposa, nascida em 1822, tem uma história pouco conhecida, o que não era nada incomum para as mulheres do período. Restrita ao ambiente doméstico, era descendente de uma família influente no interior fluminense.

Do acervo da família Benjamin Constant, temos cartas de cinco missivistas. Um deles é Olympia, nascida em 1820, filha de um importante médico e escritor brasileiro, cunhada de Benjamin Constant e também casada com outro de nossos missivistas, o ilustre e conhecido poeta romântico Gonçalves Dias, nascido em 1823, autor do poema “Canção do exílio”. Além disso, analisamos cartas de Maria Joaquina, irmã mais nova de Olympia e esposa de Benjamin Constant, nascida em

---

<sup>5</sup> É importante destacar que o acervo de cada família não foi, obrigatoriamente, utilizado em sua totalidade. Assim, o acervo de cada uma dessas pode ser composto por outros missivistas além daqueles que serão aqui apresentados. Do mesmo modo, não necessariamente todas as cartas disponíveis de cada missivista foram utilizadas para este trabalho.

1848; de Álvaro, genro de Maria Joaquina e Benjamin Constant, nascido em 1840; e de Ernesto, nascido em 1834, que não fazia parte da família diretamente, mas era um amigo de longa data dela.

Do acervo da família Pedreira Ferraz-Magalhães, foram coletadas cartas de doze missivistas, que correspondem a três gerações da família. O primeiro missivista e patriarca da família é Dr. Pedreira, nascido em 1826, advogado e secretário do Supremo Tribunal por muitos anos. É pai de Maria Teresa, nascida em 1863, conhecida como Viscondessa de Duprat, pelo casamento, e Zélia, nascida em 1857. De origem abastada, teve a oportunidade de estudar línguas e ciências e casou com Jerônimo Magalhães, engenheiro nascido em 1851. O casal, muito cristão, enviou nove dos seus filhos, missivistas aqui analisados, para a vida religiosa.

Os filhos de Zélia e Jerônimo são: Fernando, nascido em 1893, padre jesuíta, professor e escritor; Jerônimo, assim como o pai, nascido em 1881, padre lazarista; Maria Elisa, nascida em 1877; Maria Rosa, nascida em 1878; Maria Leonor, nascida em 1880; Maria Bárbara, nascida em 1883; Maria Joana, nascida em 1886; e Maria Amália, nascida em 1887. As filhas atuaram como irmãs nas instituições religiosas em que estudaram.

Os missivistas parte da família Pena são sete. O patriarca da família é Afonso Pena, nascido em 1847, e outra figura importante para nosso cenário político, tendo sido deputado federal, governador de Minas Gerais, vice-presidente e presidente da República. Foi casado com Maria Guilhermina, nascida em 1857, filha de um comendador e mãe de Afonso Pena Jr., nascido em 1879, e casado com Marieta, nascida em 1883, e Alexandre, 1881. Ambos os filhos se envolveram com a vida política, assim como seu pai e tio Manuel Pena, nascido em 1846 e casado com Antonina, de data de nascimento desconhecida, mas estimada entre 1851-1875.

A partir daqui, lidamos com missivistas de uma realidade distinta. São missivistas “comuns”, que não fazem parte de famílias com importância política ou que podem ser reconhecidas com tanta facilidade. Isso se aplica em especial para o casal Jayme e Maria, um casal de classe média-baixa, dos quais sabemos apenas o que é possível depreender através das cartas. Isto é, são um casal de jovens adultos, que escreve entre os anos de 1936 e 1937 no território fluminense. Estimamos que ambos tenham nascido no primeiro quartel do século XX.

Assim como o que acontece com o casal anterior, os missivistas da família Frazão Braga são pessoas comuns, e as informações que temos sobre eles é suposta com base no período de escrita das cartas (de 1957 a 1994) e no que é conhecido da sua árvore genealógica, que é depreendida pelo conteúdo das cartas. O período de nascimento estimado da matriarca R.F.B é 1876-1900, das mulheres E., M. R., M. J., e Od. e dos homens Dv., My. e W. é 1901-1925, e dos homens Wi., C. R. e Ad. e da mulher A. é, 1926-1950.

Por último, apresentamos os missivistas que compõem a família Salgado Lacerda que, ainda que não ilustre, era uma família mineira de classe média ou média-alta. Apesar de uma família comum, pela origem das cartas, que pertencem a uma ex-participante do projeto, que as cedeu, temos informações completas sobre o nascimento dos missivistas. B. e A. C., ambos do sexo masculino, nasceram em 1956, enquanto, C. C, sexo masculino, nasceu em 1957, e C. e M, do sexo feminino, nasceram, respectivamente, em 1958 e 1959.

Com essa breve apresentação, mostramos quão heterogênea é a amostra, composta por pessoas de reconhecimento histórico, ao mesmo tempo que também se compõe de cartas escritas por pessoas comuns, de diferentes classes sociais. Além disso, nota-se que, especialmente daqueles membros de famílias mais ilustres, é possível recuperar mais informações históricas, não só a data de nascimento, como profissão ou ocupação, em especial os membros do sexo masculino, uma vez que as mulheres, naquele tempo, eram resumidas a de quem eram filhas e/ou com quem foram casadas. Sobre os missivistas mais “comuns”, por outro lado, só é possível saber o que está presente nas cartas ou o que é possível inferir a partir delas. Essa heterogeneidade, no entanto, não é uma falha, mas uma característica interessante, pois nos permite observar os aspectos subjacentes à gramática do PB, que podem se apresentar na escrita de qualquer um dos missivistas. Por se tratar de uma amostra de cartas pessoais, acreditamos que mesmo os missivistas mais ilustres e escolarizados vão apresentar os padrões da gramática do PB, que se encontra em mudança ao longo do tempo estudado.

Metodologicamente, decidimos estabelecer como datas as datas de nascimento dos missivistas, por nos basear na Teoria Gerativa para a explicação da mudança: a mudança ocorre no período da aquisição e o controle pelas datas de nascimento dos missivistas pode nos dar uma visão sobre a época da mudança. São quatro os períodos considerados em nossa análise, estes compreendem os nascidos em um intervalo de 50 anos: o período 1 compreende os nascidos entre 1800 e 1850, o período 2 os nascidos entre 1851 e 1900, enquanto os períodos 3 e 4 contemplam os nascidos entre 1901 e 1950 e 1951 e 2000, respectivamente. A partir desse recorte, não poderemos comparar diretamente nossos resultados com os resultados dos trabalhos citados em Tarallo (1993) ou de Duarte (2019), pois esses trabalhos adotam a data de escrita dos documentos e não dos missivistas. Dessa forma, não temos como corroborar ou refutar a hipótese de Tarallo (1993), que coloca a virada do século XIX para o século XX como ponto de emergência da gramática do PB nos textos brasileiros.

Passemos aos contextos controlados para os três fenômenos estudados. Com relação ao sujeito nulo, analisamos a evolução dos índices de sujeito nulo (em relação

ao pleno) de 3a. pessoa de referência definida ao longo do tempo, bem como os padrões estruturais e o traço de animacidade e especificidade do referente<sup>6</sup>.

Controlamos quatro padrões estruturais<sup>7</sup> – Padrão A/B: a referência do sujeito nulo ou pronominal é controlada pelo sujeito da oração matriz ou da subordinada adverbial anteposta, i. e., o referente está na oração anterior, como vemos nos exemplos a seguir:

(13) a. Irmã Maria Thereza me escreveu que **ella** estava bem e na mesma casa. (Período 2)

b. Hoje Mom falou que [0] vai me ensi-nar a jogar tennis. (Período 4)

Padrão C: o antecedente do sujeito nulo ou pronominal está no período adjacente anterior e tem a mesma função de sujeito:

(14) a. Olga está mto endefluxada com mta tosse mas está espertinha. **Ella** está mais forte do q a de Ernestina q é mais velha. (Período 2)

b. O Dr Figueira acha-o extremamente anemico e com uma dilatação de estoma-go que é preciso combater já. [0] Está espe-rando ceder a bron-chite para prescrever o regimen e tratamento a que tem de se submeter o Helvecio. (Período 2)

Padrão D: o antecedente do sujeito nulo está no período adjacente anterior, mas com função diferente da de sujeito:

(15) Tenho tido cartas da nossa Gita [0] ainda está em repouso e precisando fortificantes e melhor alimen-to. Você tem mandado o dinheiro d'ella? **Ella** não se esquece de vocês.

Padrão E: o antecedente do sujeito nulo está distante ou é um tópico discursivo:

(16) a. Mrs. Austin me de-ram uma cruz de ouro com umas pedras e a corrente. É linda! **Ela** ficava toda preocupa-da porque não comia quase nada (meu regime!).

<sup>6</sup> Ao longo da pesquisa sobre o sujeito nulo que se iniciou em 2020, temos trabalhado com outros contextos sintáticos e sociais, tais como o tipo de sentença, gênero do missivista, entre outros. A fim de comparar com o trabalho de Duarte (2019), vamos apresentar aqui somente dois fatores controlados: o padrão estrutural e o traço de animacidade / especificidade do antecedente.

<sup>7</sup> Retiramos da nossa análise as sentenças coordenadas, por se tratar de um contexto sintático em que o sujeito nulo que aparece é gerado via elipse e ocorre em outras línguas que não são de sujeito nulo, como o inglês, por exemplo. Analisamos, portanto, as sentenças matrizes, encaixadas completivas, adverbiais e relativas, além das interrogativas.

**b.** Bêbê dizem que nas férias de Dezembro talvez [0] venha.

Com relação à animacidade e especificidade, estamos seguindo a escala de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000), que mostram que nas línguas há uma preferência pelos pronomes plenos com referentes mais altos na escala de referencialidade, ou seja, os referentes [+humanos / + específicos]. No nosso caso, estamos controlando os referentes [+/- animado, +/- específico]. Desse modo, esperamos encontrar maiores índices de sujeito nulo em referentes [-animados / - específicos]:

- (17) **a.** Lembrei-me agora de satisfazer a pergunta q fizeste sobre o resultado da viagem d Leopoldo a S Paulo. Diz elle q [0] obteve alguma melhora, mas se a obteve foi de pouca duração. Depois q [0] voltou [0] teve inchação de pernas, cousa q d'antes [0] não soffria. (Período 1)
- b.** Vou levar Ol-ga ao Dor Couto pa ver se **ella** ain-da deve tomar um mez de banhos pois agora é que estão principi-ando as melhoras. (Período 2)
- c.** [Os salezianos] teem um grave inconveniente; [0] são em demasia morosos nos seus trabalhos typographicos e exigem pela pouca sufficiencia dos Compositores e revisores muitas e repetidas provas. (Período 1)
- d.** Uma coisa que acho bom nos americanos, é que eles praticam muito esportes de tudo quanto e tipo. (Período 4)
- e.** Nem vejo a hora fas minhas roupas chegarem. Aliás, quando elas chegarem, me avise logo, tá? (Período 4)
- f.** Muito te agradeço tua cartinha de 10 do corrente - No meio de minhas 5 amarguras [0] foi um balsamo consoladôr, que por instantes me alegrou e me encheo de satisfação. (Período 2)

Para a VS, analisamos VS / SV, por tipo de sentença, por tipo de verbo e estatuto informacional do sujeito. Como dito anteriormente, as pesquisas apontam diminuição de VS ao longo do tempo por tipo de sentença (perda das VS em interrogativas) e VS restrita às construções inacusativas; além disso, nas línguas românicas de sujeito nulo, é possível haver a inversão do sujeito para indicar que o sujeito representa uma informação nova. No nosso caso, estamos considerando a proposta de Prince (1981) para o *status* informacional do sujeito.

Primeiramente, em relação ao tipo de sentença, consideramos cinco tipos: matriz, coordenada, subordinada, interrogativa e interrogativa cristalizada. Vejamos exemplos das quatro primeiras a seguir:

- (18) **Orio** deu as couves flores para a senhora. (M., P4)

- (19) Tenho tido grandes desejos de ir ver-te (...) porem **doenças e afazeres** ainda não me permitirao. (Manuel Pena, P1)



(20) Aqui a novidade que houve é que cahio **o ministerio do Joaó Alfredo**  
(Bárbara Otonni, P1)

(21) Foi resolvido **algo** como esperavas em agôsto? (R., P3)

Aqui, destacamos a necessidade de dividir as interrogativas em dois tipos por, no tratamento dos dados, percebermos a presença de interrogativas com comportamento distinto, uma delas, a interrogativa, com alguma variação em relação à posição ocupada pelo sujeito, e outra em que o sujeito aparece quase categoricamente posposto. Essas últimas, que chamamos de interrogativas cristalizadas, se parecem com construções formulaicas e costumam ocorrer com verbos predicativos e de cópula, conforme apresentado a seguir:

(22) E como vae **o querido amigo Senhor Doutor Anistides José da Gama Vieira Machado?** (Jerônimo, P2)

Já em relação ao tipo de verbo, na análise foram considerados verbos transitivos, inergativos, inacusativos, cópula, predicativo e casos de passiva analítica. Esse controle é feito uma vez que é atestada uma restrição da ordem VS aos contextos inacusativos ao longo do tempo, com uma diminuição, ou até desaparecimento, dessa ordem com outros tipos verbais. Apresentamos, brevemente, exemplos retirados do *corpus* com estes verbos, com ordem SV e VS, para ilustração:

(23) Imagina que agora rege o Collegio São José, onde resido, **uma creança**.  
(Maria Joana, P2)

(24) Jantaraô aqui commigo **Julio e Vovô e o Thomas** (Bárbara Ottoni, P1)

(25) Agora faltão **Fernando e João**. (Jerônimo, P2)

(26) É **este** o nosso sincero desejo, e pedimos tenham confiança em Deus.  
(My., P3)

(27) E **os mais antigos** estão bastante valorizados. (C., P4)

(28) E tb. me foi enviado por colegas do BIB **o caderno B do J. do Brasil**.  
(A., P3)

Tratando agora da questão do estatuto informacional, retomamos brevemente Prince (1981). A autora propõe que um texto funcionaria da mesma forma que uma receita culinária, assim como a pessoa que produz uma determinada receita busca instruir o leitor sobre qual a maneira correta de preparar um prato, em um texto, o falante também instrui o ouvinte sobre a como deve construir um modelo discursivo. Dito de outra forma, o falante fornece informações sobre os referentes do discurso, representados por sintagmas no texto. A proposta considera valores com base em



*assumed familiarity*, isto é, em “familiaridade assumida”, que se aproxima do que é comumente chamado de *shared knowledge*, “conhecimento compartilhado”<sup>8</sup>, termo que é descartado pela autora por conta das problemáticas que vêm com ele.

A proposta de taxonomia de Prince (1981) apresenta três grandes categorias: *new*, *evoked* e *inferable*, que, por sua vez, também são divididas em subcategorias. A saber, a categoria *new* inclui as subcategorias *unused*, *brand-new* e *brand-new anchored*, a categoria *evoked* inclui *textually evoked* e *situationally evoked* e a categoria *inferable* inclui as subcategorias *inferable* e *containing inferable*. Destacamos que, apesar da existência dessas subcategorias, que são muito interessantes, estas não são relevantes nesse artigo, e portanto, não serão esmiuçadas. Todas elas foram controladas em nosso trabalho, mas optamos por, nos resultados, manter apenas as três categorias superiores para não fragmentar excessivamente os dados, especialmente os de VS, que são poucos, e assim obtermos resultados estatísticos um pouco mais robustos. Apresentamos, desse modo, as categorias maiores a seguir, recorrendo a exemplos retirados do *corpus*.

Começamos com a categoria *new*. Quando um falante introduz pela primeira vez uma determinada entidade no discurso, “alertando” o ouvinte sobre a necessidade de tê-la em mente, ela é considerada *new*. É o que acontece nos exemplos, abaixo retirados no *corpus*<sup>9</sup>.

(29) ella viu só o cartão que o **Neuzinho** deu au teu irmão Zezinho para a tua mãe ler. (Maria, P3)

(30) Amanhã vão ficar prontas **as fotos de New York e do aeroporto** (C., P4)

(31) **A filha do Paulino** virá a Paris no fim de julho (A., P3)

A segunda grande categoria proposta é a categoria *evoked*, que inclui entidades que já estão presentes no discurso ou são acessíveis de alguma maneira, conforme os exemplos a seguir<sup>10</sup>.

(32) Diz **elle** q obteve alguma melhora, mas se a obteve foi de pouca duração. (Afonso Pena, P1)

(33) **Esta carta** ja irá chegar em plena primavera, que é tempo alegre na Europa (Christiano Ottoni, P1)

<sup>8</sup> Por limitação de espaço e por esse não ser o tema central aqui, essa discussão não será apresentada, mas pode ser encontrada de forma aprofundada em Prince (1981).

<sup>9</sup> As entidades destacadas, seguindo a proposta de Prince (1981), pertenceriam, respectivamente, às subcategorias *unused*, *brand new* e *brand-new anchored*.

<sup>10</sup> As entidades destacadas, seguindo a proposta da autora, pertenceriam, respectivamente, às subcategorias *textually evoked* e *situationally evoked*.

Por último, há a categoria *inferrable*, que inclui as entidades cuja existência podem ser inferidas pelo missivistas, inclusive a partir de outras entidades já previamente apresentadas no discurso. Passemos aos exemplos<sup>11</sup>:

(34) A peça de ontem “Angelo’ de V. Hugo, foi uma verdadeira maravilha. **o teatro** estava quase cheio, muita gente conhecida. (Emília Cruz, P2)

(35) **Uma das minhas alumnas** cujo coração é realmente delicado ideou presentear-me com este mimo para escrever aos meus irmãos... (Maria Joana, P2)

Por fim, como VS no PB se torna restrita a contextos inacusativos e não é mais usada para marcar foco, vamos comparar os índices de VS com as construções clivadas para saber se há uma relação entre a perda de VS e a opção de uso das clivadas para marcar foco. Por hipótese, se não é mais possível marcar foco com VS, ocorre o aumento nas estratégias com clivadas. Para categorização de foco do sujeito, elaboramos categorias específicas, levando em consideração questões que atravessam a relação entre os fenômenos observados e o *corpus* utilizado. A primeira relaciona-se ao fato de entendermos que o foco corresponde à porção não pressuposta da sentença, como já é postulado por extensa literatura sobre o tema. No entanto, entendemos que não há correspondência direta entre um constituinte veicular uma informação nova no contexto discursivo e ser também uma informação não-pressuposta. Observemos o exemplo, devidamente contextualizado, retirado de uma carta da amostra.

(36) Para fazer brotar a batata:  
você repara que a batata tem uns carochinhos.  
[Dalí F] é que vai sair o broto. (Cruz, 2021)

Nessa carta, um pai busca ensinar sua filha a cultivar batatas, dando a ela instruções sobre o plantio. Ele menciona, pela primeira vez no contexto discursivo da carta, que as batatas possuem “uns carochinhos”; em seguida, retoma esse referente no constituinte focalizado “dalí”. Portanto, nota-se que uma informação dada textualmente pode ser o foco sentencial.

Levando em consideração a importante distinção supracitada, adotamos o quadro proposto por Mioto (2003), que sintetiza Kiss (1998) e Zubizarreta (1998), com base nos traços de contrastividade (*x e não y*) e exaustividade (*x e somente x*).

<sup>11</sup> As entidades destacadas, seguindo a proposta da autora, pertenceriam, respectivamente, às subcategorias *inferrable* e *containing inferrable*.

Isso resulta nos seguintes tipos de foco: foco de informação, foco de identificação e foco contrastivo.

Nesse sentido, buscando conciliar o *status* informacional do sujeito e o tipo de foco que o constituinte veicula, chegamos às seguintes categorias: informação nova não contrastiva/não exaustiva; informação dada não contrastiva/não exaustiva; informação nova contrastiva/exaustiva e informação dada contrastiva/exaustiva.

O sujeito veicula informação nova não contrastiva/exaustiva e aparece em um contexto em que os referentes são mencionados pela primeira vez, e não apresentam traços de contraste ou exaustividade, tal como no exemplo abaixo:

- (37) Esteve no nosso camarote [o Aragão], perguntou muito por ti e fallou em como havias de gostar dos discursos do Recife.” (EC, período 2) (Cruz, 2021)

Do mesmo modo, uma informação dada não contrastiva/exaustiva corresponde à informação que já foi mencionada no contexto prévio da carta e não apresenta traços de contrastividade/exaustividade sugeridos no contexto, como exemplificamos abaixo.

- (38) tem vindo aqui, Noemi e o Baptista. (...). [Elles] foram tambem a um concerto (por signal que não prestou) em casa do Imbassaluy. (EC, período 2)

A informação também pode ser considerada nova textualmente e apresentar traços de contraste/exaustividade, quando o sujeito, além de ser um novo referente introduzido no discurso, também apresenta leitura (*x e somente x*) ou (*x e não y*), como exemplificamos em (38). O missivista identifica um passeio como seu favorito em detrimento de outros possíveis, como explicitado no contexto, e tal informação [*este da colina*] não foi mencionada anteriormente na carta, sendo, portanto, um novo referente.

- (39) Dentre os passeios é [este da colina] o que mais me agrada, ha porém varios outros interessantes, e até instructivos. (PFM, período 2)

A quarta e última categoria é a de informação dada contrastiva/exaustiva. O sujeito representa um referente dado no contexto discursivo e apresenta traços de contraste/exaustividade. Assim como no exemplo (8), podemos observar em (12) que, apesar de ser uma informação dada, esse sujeito corresponde ao foco da sentença (a informação não pressuposta). Ao analisar o contexto em que a missivista fala sobre a sua rotina com ‘Mom’ e ‘Dad’, conseguimos compreender que ‘Mom’ costuma preparar o jantar, mas, quando está ausente, ela e Dad, e não Mom, cuidam da tarefa.

(40) Dad é uma pessoa maravilhosa, ele realmente se preocupa comigo, [...].Quando acontece de Mon sair, [nós] é que fazemos o nosso jantar. Sexta passada fizemos panquequas! o (M. L., período 4)

Na análise do foco, com o intuito de observar com mais escrutínio os efeitos das mudanças na posição do sujeito nessa questão discursiva, optamos por excluir dessa parte da análise os fatores gramaticais que poderiam enviesar esse resultado, são eles: verbos inacusativos, inversões locativas, construções formulaicas ou expressões fixas da língua. Além disso, restringimos a análise às sentenças matrizes declarativas. Ainda que saibamos que esses fatores podem interagir, buscamos controlar o comportamento do sujeito em um contexto em que ele estaria mais suscetível à influência do estatuto informacional.

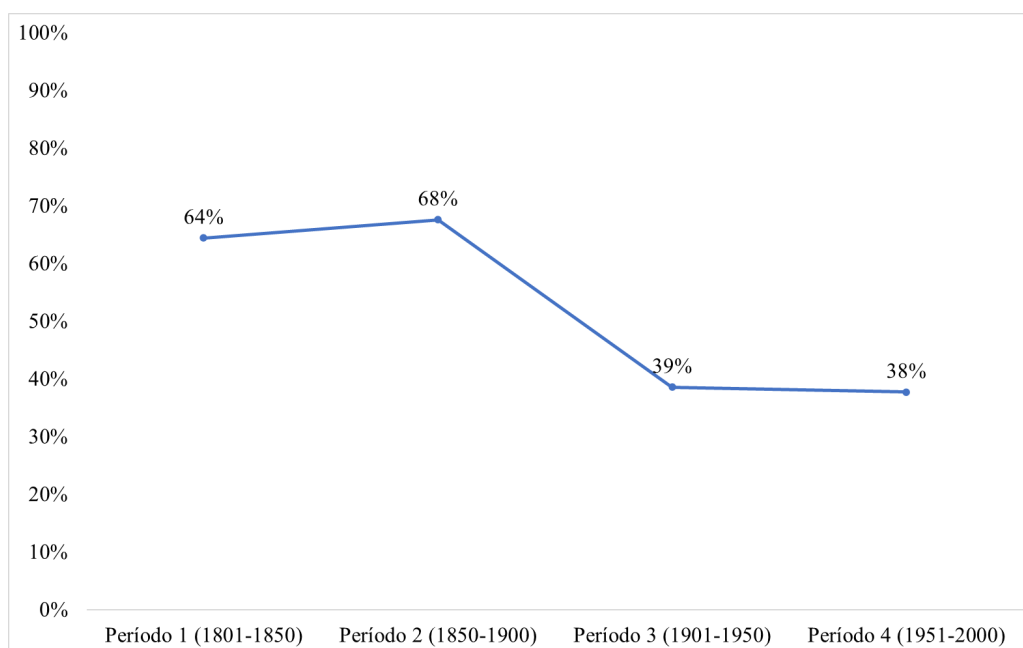
A análise estatística foi feita considerando duas ferramentas estatísticas: o Goldvarb X (Tagliamonte, Sankoff, Smith, 2005) para controle das variáveis independentes e o R para as análises de regressão linear.

## Resultados: Sujeito Nulo, VS e focalização

Passemos aos resultados dos fenômenos para, em seguida, fazer uma análise unificada. Apresentamos em primeiro lugar os resultados do sujeito nulo, seguidos dos resultados de VS e, por fim, das construções de focalização.

Analizamos 1858 dados de sujeito pronominal (nulo e pleno) em sentenças matrizes, subordinadas e interrogativas, ao longo do tempo, por data de nascimento dos missivistas por 50 anos. Os resultados gerais de sujeito nulo (*vs.* pleno) ao longo do tempo podem ser visto com o Gráfico 2 a seguir:

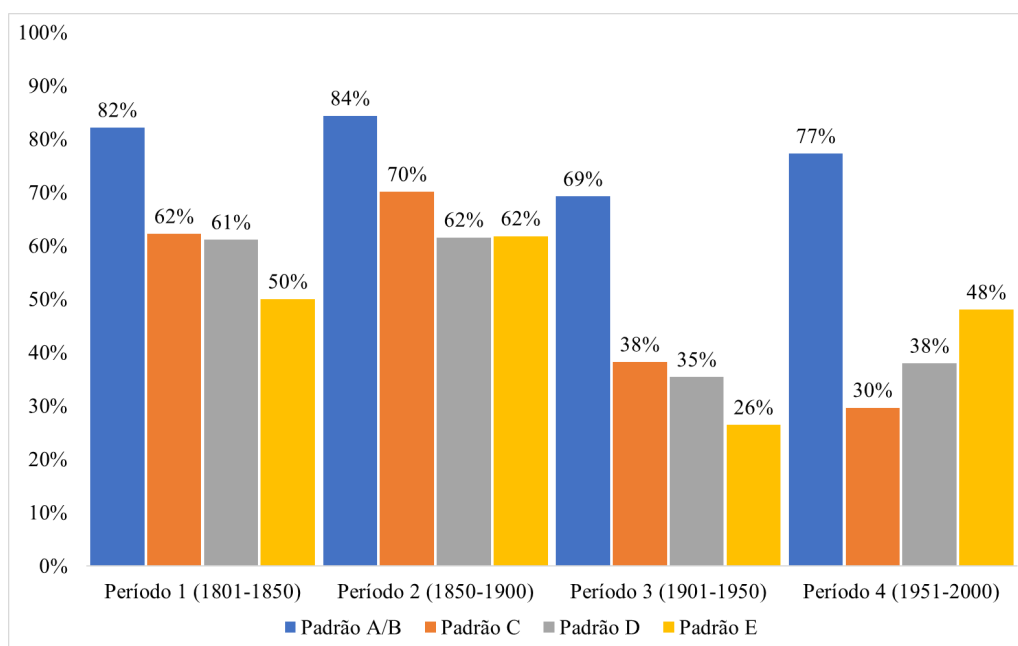
**Gráfico 2:** Percentual de sujeitos nulos (vs. plenos) ao longo do tempo por data de nascimento do missivista.



**Fonte:** elaboração própria.

Vemos que há uma diferença nos índices percentuais entre as cartas dos missivistas nascidos no século XIX e dos nascidos no século XX: os índices de sujeito nulo saem de 64%-68% e vão para 39%-38%. Tal resultado indica claramente que, pelo menos estatisticamente, há dois padrões para o sujeito nulo: uma gramática mais próxima da do PE (século XIX) e uma gramática mais próxima do PB atual (século XX). Essa mudança se faz presente nas cartas dos missivistas nascidos na virada do século XIX para o século XX.

Em seguida, veremos como ficam os índices de sujeito nulo de acordo com o padrão estrutural da sentença, com o gráfico 3, a seguir. Vemos que os índices de sujeito nulo diminuem ao longo do tempo, mas essa diminuição ocorre de maneira diferente, de acordo com o padrão estrutural da sentença:

**Gráfico 3:** Percentual de sujeito nulo (vs. pleno) por padrão sintático do período por data de nascimento do missivista

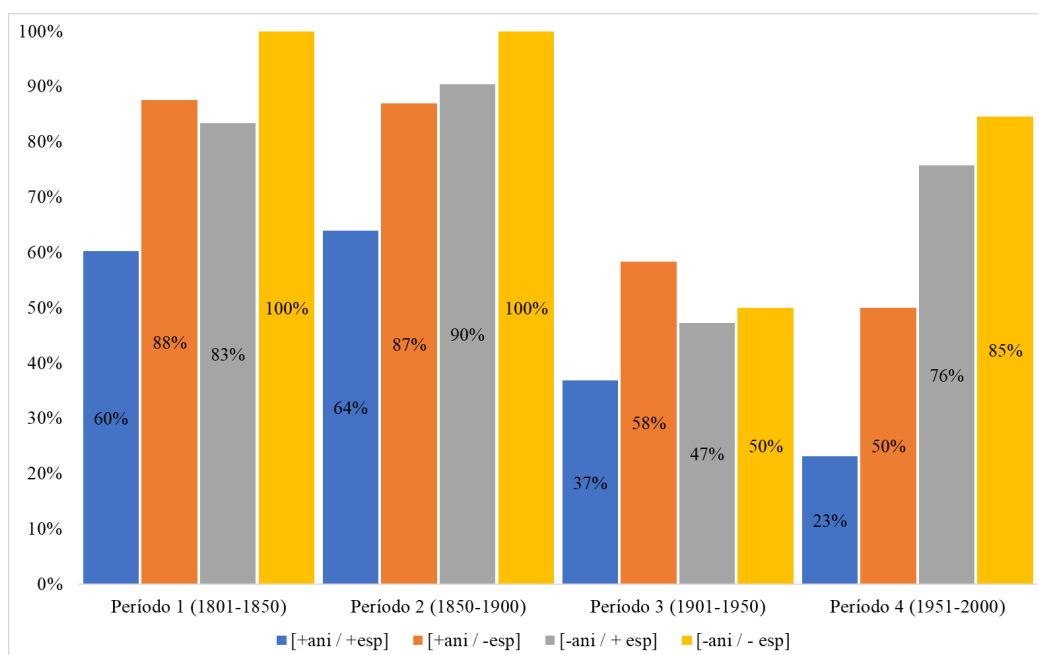
**Fonte:** elaboração própria

Os resultados sobre o padrão sentencial mostram que a diminuição nos índices de sujeito nulo ao longo do tempo ocorre de maneira diferente dependendo do padrão estrutural: podemos ver que os padrões A/B, em que a referência do sujeito é controlada pelo sujeito da matriz ou pelo sujeito da adverbial anteposta, contextos em que o sujeito nulo é c-comandado pelo seu antecedente, apresentam os maiores índices de sujeito nulo ao longo do tempo, oscilando entre 84% e 69%. Nesse contexto, observamos de fato quase uma estabilidade nos índices de sujeito nulo. A diminuição geral nos índices de sujeito nulo é vista nos contextos de Padrão C e Padrão D, em que o sujeito nulo tem como antecedente um referente no período anterior, seja com função de sujeito (Padrão C), seja com outra função sintática (Padrão D). Por fim, destacamos o Padrão E, em que o sujeito nulo tem como antecedente um referente numa posição de tópico, que contrariamente à diminuição geral, parece apresentar índices mais altos de sujeito nulo, com leve crescimento nas cartas dos missivistas nascidos na segunda metade do século XX: 50%-62%-26%-48%. Esse resultado está consoante à análise de Galves (2019), sobre o fato de o sujeito nulo no PB estar associado a um tópico discursivo, tal como as categorias vazias de línguas como o Chinês e o Japonês.

Por fim, no Gráfico 4, apresentamos os índices de sujeito nulo por traço de animacidade/definitude, seguindo a análise de Duarte (2019). Podemos verificar que os nossos resultados confirmam os resultados de Duarte (2019), e também de Cyrino, Duarte e Kato (2000), na medida em que a diminuição do sujeito nulo ocorre mais acentuadamente nos contextos de referente [+animado/+específico], oscilando entre

60% e 23% ao longo do tempo. O segundo contexto que apresenta maior queda dos índices de sujeito nulo é o contexto com referente [+animado/-específico], com percentuais de sujeitos nulos oscilando de 88% para 50%. Por fim, o contexto que apresenta maior manutenção dos índices altos de sujeito nulo foi o contexto de referente [-animado/-específico] que manteve as taxas de sujeito nulo altas até o último período. Vejamos o Gráfico 4 para ver a ilustração dessa evolução:

**Gráfico 4:** Evolução do sujeito nulo (vs. pleno) ao longo do tempo pelo traço de animacidade e especificidade do referente:



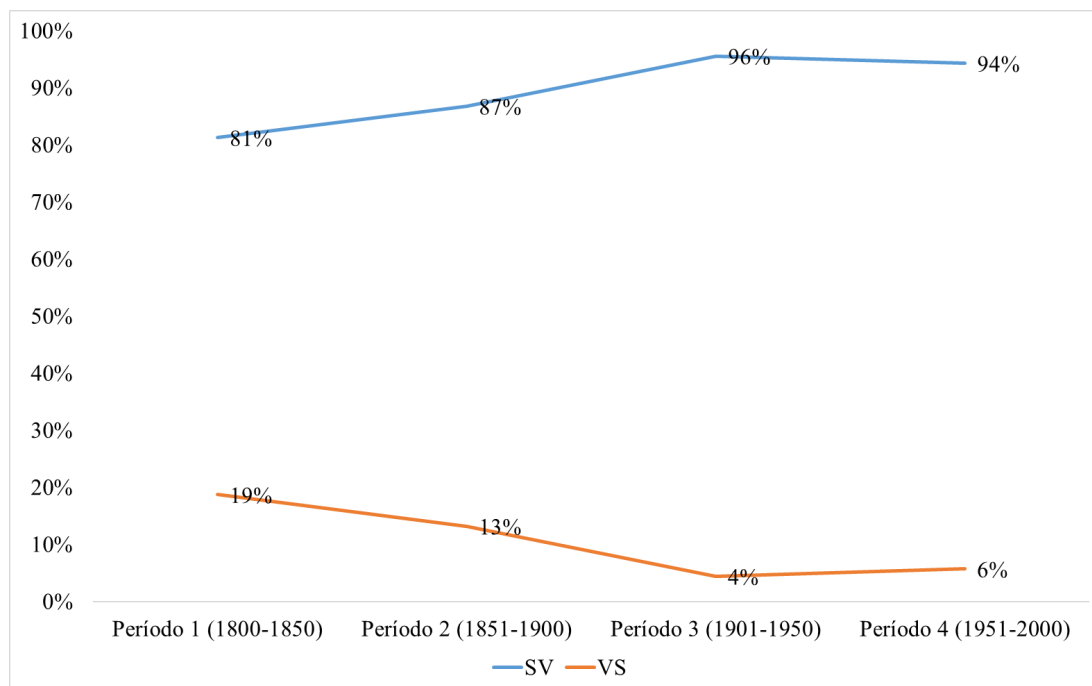
**Fonte:** Elaboração própria

Os índices de sujeito nulo pelos contextos específicos mostram a diferença entre o século XIX e o século XX e também os contextos de “resistência” do sujeito nulo e confirmam, em parte, os resultados de Duarte (2019). Passemos agora à evolução da VS ao longo do tempo.

Na análise da ordem VS, foram considerados 4174 dados, ao longo dos quatro períodos de tempo controlados. Há, no total, 470 dados de ordem VS e 3704 dados de SV. Há, ao longo do tempo, uma diminuição da ordem VS, conforme o esperado. No Período 1, verificamos um índice de 19% de VS, o mais alto de entre os períodos controlados. Depois, vemos uma diminuição na passagem para o período 2, como 13% VS, que se mantém no período 3, com apenas 4% de VS. No período 4, encontramos 6% de VS, um número muito próximo ao período imediatamente anterior. Com isso, podemos observar que, conforme o esperado, temos uma diminuição na frequência de VS com a passagem do tempo, já que os contextos em que essa ordem acontece ficam cada vez mais restritos.



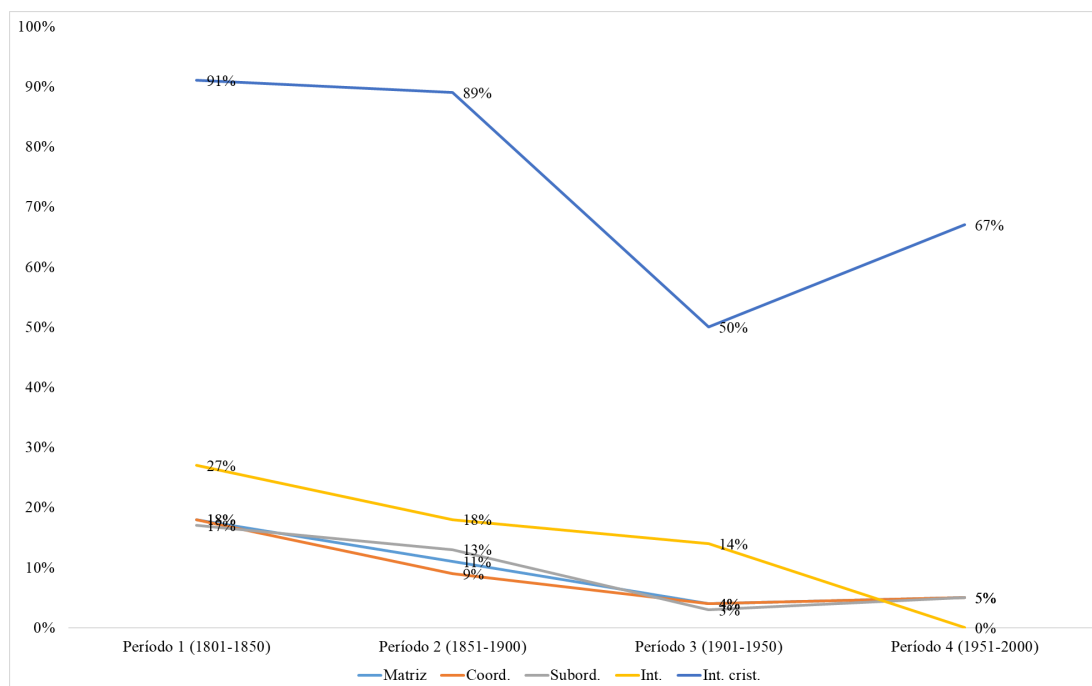
**Gráfico 5:** SV e VS ao longo do tempo



**Fonte:** elaboração própria

Passemos, agora, para os resultados com base no tipo de sentença, vejamos o Gráfico 6 a seguir:

**Gráfico 6:** VS e tipo de sentença do tempo



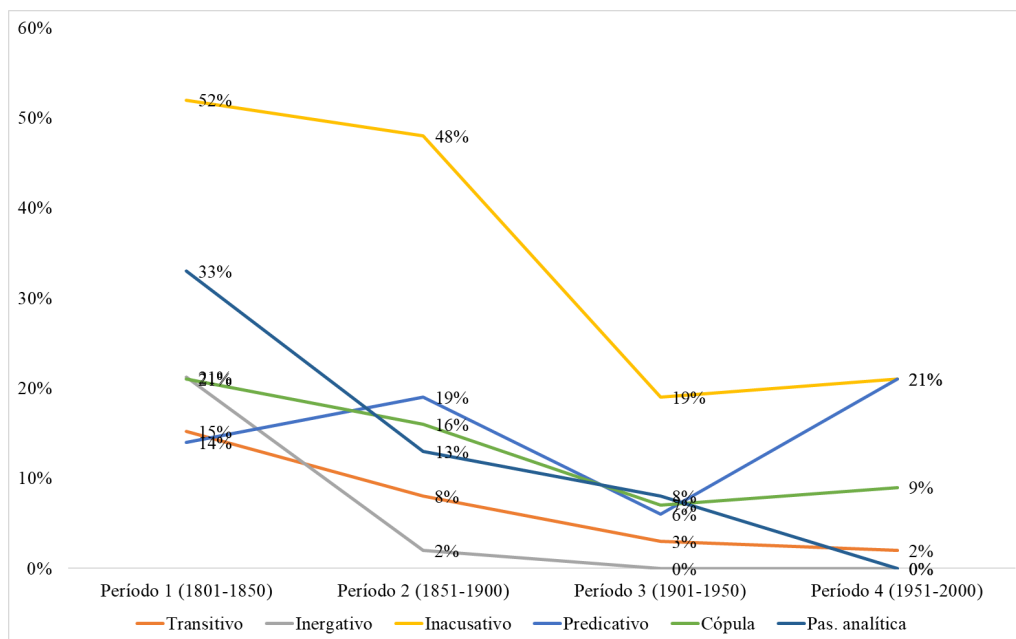
**Fonte:** Machado (2021)

Ao observarmos o gráfico, podemos verificar, logo de início, que parece haver um tipo de sentença em que a ordem VS é significativamente superior. Nas interrogativas cristalizadas, como já apontamos, a ordem VS é a preferencial, justamente por esse tipo de sentença se assemelhar a uma expressão formulaica, com uma estrutura fixa. Nos períodos 1 e 2, há VS com esse tipo de sentenças em 91% e 89% dos casos, respectivamente. Esse índice diminui nos períodos 3, em que SV e VS são igualmente produtivas, com índice de 50%, e 4, com 67%, mas, em todos os períodos, há uma diferença grande entre o índice alcançado por esse tipo de sentença e as outras, até mesmo as interrogativas, o que mostra que a decisão de separar as interrogativas é acertada.

As interrogativas, comparadas aos outros tipos de sentença, apresentam índices de VS superiores em todos os períodos, com exceção do período 4, em que todos os casos de interrogativa aparecem com ordem SV. Com isso, podemos ver que as interrogativas, de fato, são o tipo de sentença em que VS é um pouco mais produtiva, mas que isso se perde posteriormente.

Em relação às sentenças matrizes, coordenadas e subordinadas, percebemos que a frequência de VS, em todos os períodos de tempo, de cada um desses tipos de sentença é bastante próxima. No período 1 ao 3, as sentenças matrizes apresentam índice de VS de 18%, 11%, 4%, do período 1 ao 3, enquanto as coordenadas apresentam índice de 18%, 9% e 4% e as subordinadas índice de 17%, 13% e 3%. No período 4, esses três tipos de sentença apresentam o mesmo índice de VS, 5% apenas. Passemos agora para os resultados com base no tipo de verbo.

**Gráfico 7:** VS e tipo de verbo ao longo do tempo



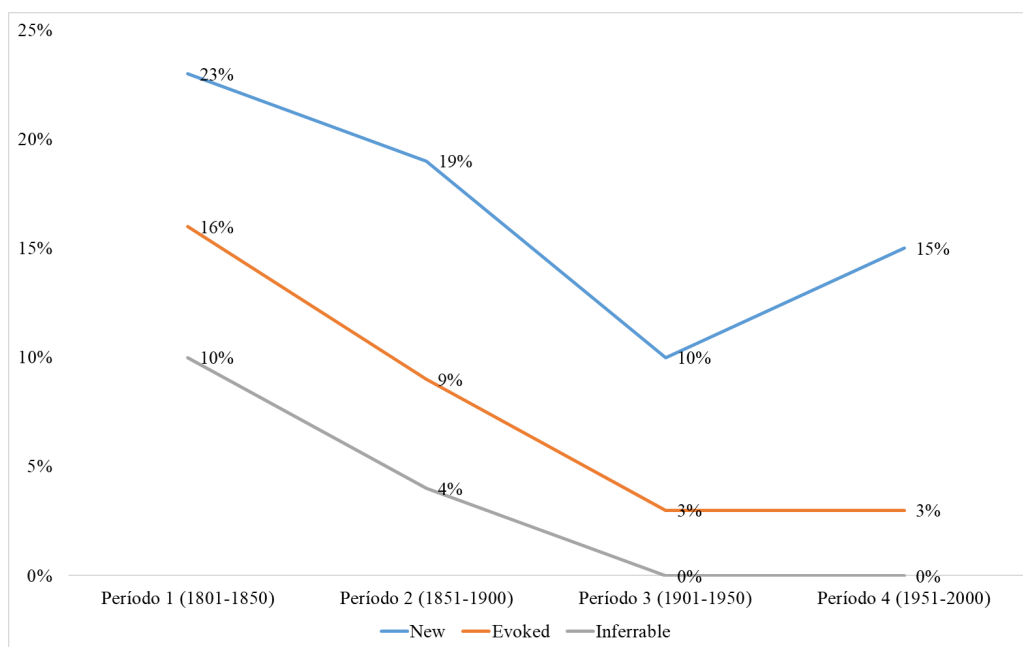
**Fonte:** Machado (2021)

Analisando o gráfico em relação ao tipo de verbo, podemos verificar que, em todos os períodos, do 1 ao 4, os verbos inacusativos são aqueles que apresentam maior índice de VS. Ainda assim, mesmo com esses verbos, que são aqueles em que a ordem VS pode ser mais natural, uma vez que o sujeito é gerado na posição pós-verbal, essa ordem se torna menos produtiva ao longo do tempo. Enquanto, no período 1, encontramos ordem VS em 52% dos casos, no período mais recente, o período 4, essa ordem ocorre apenas em 21% dos casos. Esse é um índice ainda considerável, se considerarmos os obtidos com outros verbos, mas a diminuição também é visível.

É possível verificar uma diminuição nos índices de VS com todos os outros tipos de verbos, com exceção dos predicativos, que apresentam um aumento de VS do período 3 para o 4. Os transitivos, que no primeiro período apresentam 15% de VS, só apresentam 2% dessa ordem no período 4, isto é, os casos de VS com esses verbos quase desaparecem. Já os verbos de cópula, saem de 21% de VS para 9%. Por último, chamam a atenção também os resultados de passiva analítica e inergativos. Ambos, apresentavam índices consideráveis no primeiro período, 33% e 21% respectivamente, mas diminuem de forma significativa ao longo do tempo a ponto de, no período 4, só encontrarmos esses verbos na ordem SV. Com isso, verificamos que VS parece, de fato, ficar cada vez mais restrita aos verbos monoargumentais inacusativos.

Falemos, por último, dos resultados em relação à ordem VS e estatuto informacional do sujeito, apresentados a seguir.

**Gráfico 8:** VS e estatuto informacional do sujeito pós-verbal ao longo do tempo



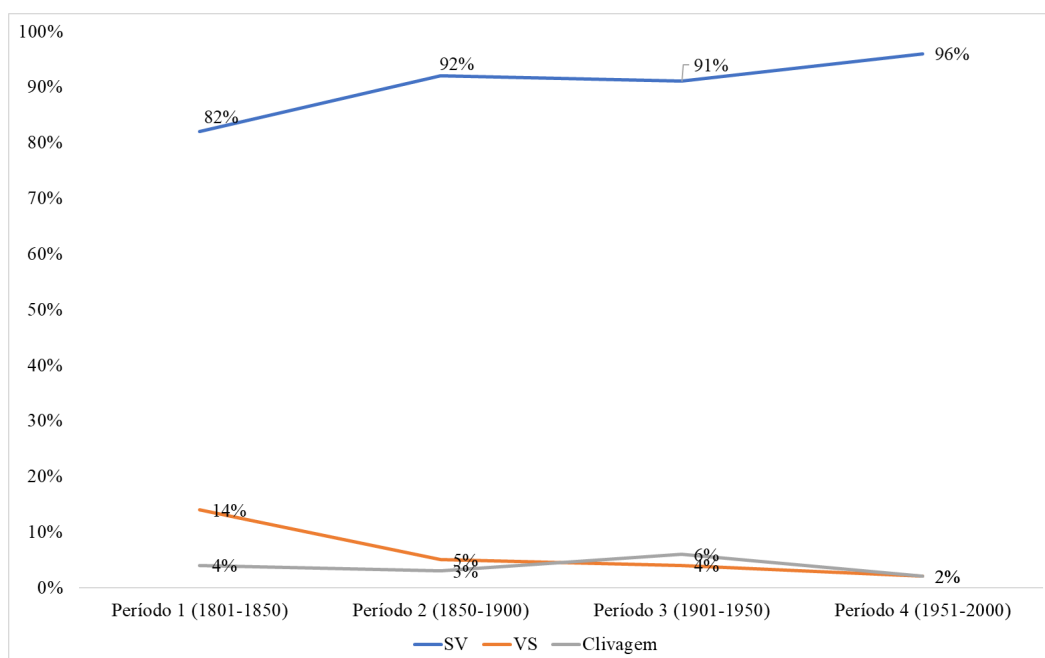
**Fonte:** Machado (2021)

A partir do gráfico, verificamos que os sujeitos *new* são aqueles que apresentam os índices mais altos de VS ao longo do tempo. No período 1 temos 23% de VS,

no período 2, 19%, no período 3, 10% e no último, 15%. Parece haver, então, um aumento de VS com esse sujeito na passagem para o último período. Em relação aos sujeitos *evoked*, vemos uma diminuição de VS ao longo do tempo, partimos de 16%, no período 1, para apenas 3% no último período. O mesmo acontece com os sujeitos *inferable*, que, no período 1, já apresentam os índices de VS, esta chegando a desaparecer nos períodos 3 e 4. Nota-se, então que, independente do período analisado, se levarmos em consideração a contraposição de VS e SV, VS é a ordem menos usada, ainda que ela seja um pouco mais produtiva com sujeitos com estatuto de novidade.

Passemos à análise das estruturas de focalização do sujeito: foram coletados 3.593 dados de sujeito, sendo eles 3290 de sujeitos pré-verbais, 166 de sujeitos pós-verbais e 137 de sujeitos clivados. A distribuição desses dados ao longo do tempo pode ser observada no gráfico abaixo.

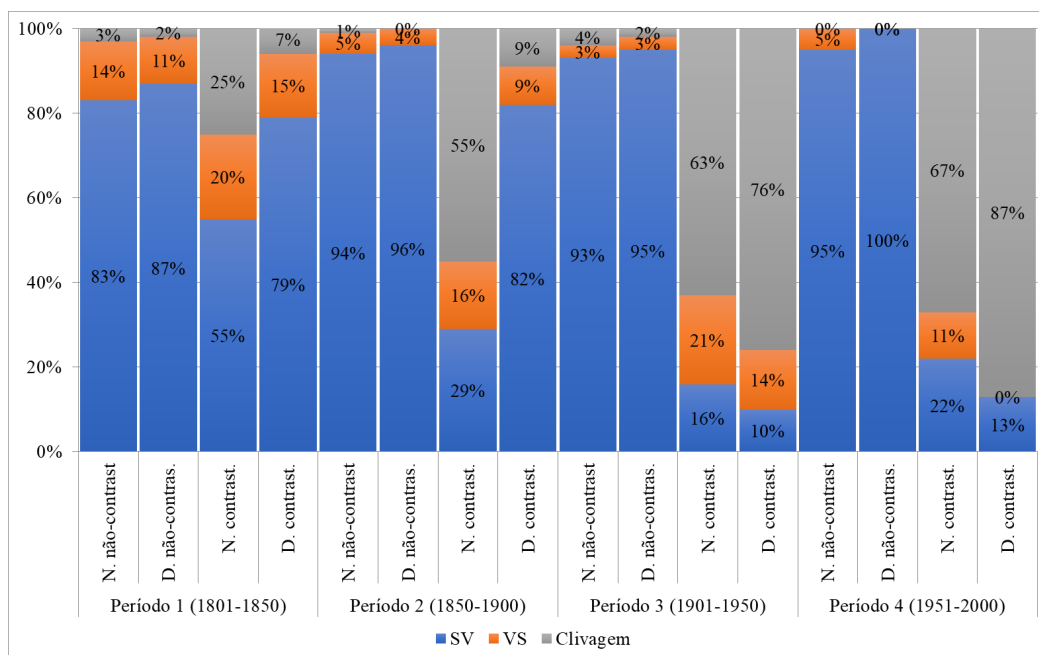
**Gráficos 9:** Distribuição geral das construções ao longo do tempo



**Fonte:** Cruz (2021)

Percebe-se que, como esperado, o percentual de SV é superior ao de VS e clivagem nos quatro períodos, partindo de 82% no primeiro período e alcançando 96% no século XX, o que sinaliza uma consolidação dessa construção como posição do sujeito na sentença. Por outro lado, o percentual de VS e sujeitos clivados caem de, respectivamente, 14% e 4% para 2% no último período.

Entretanto, ao relacionarmos essas construções às categorias de foco mencionadas anteriormente, notamos que essa consolidação de SV quase categórica na distribuição geral, não se confirma em todos os contextos. Vejamos o gráfico 10 a seguir:

**Gráfico 10:** Posição do sujeito por estatuto informacional ao longo do tempo<sup>12</sup>

**Fonte:** Cruz (2021)

Com relação ao percentual de SV, nota-se que já na segunda metade do século, mas principalmente no século XX, em sujeitos contrastivos e exaustivos, há maior frequência de sujeitos clivados. A produtividade de sujeitos clivados nesses contextos no século XX ultrapassa 60%, chegando a 67% quando a informação é nova e 87% quando a informação é dada. Esse resultado sinaliza que, ao se pensar nos efeitos da mudança relacionada à posição do sujeito em direção a uma ordem SV rígida, o fator contrastividade e exaustividade é relevante para entender que outras estratégias, que não a colocação do sujeito em posição pré ou pós-verbal, são adotadas para focalização. Além disso, no século XX, os sujeitos antepostos contrastivos, nos dados da amostra, geralmente estavam acompanhados de partículas de foco, como “só”, que sinalizam explicitamente uma leitura exaustiva, conforme observa-se no exemplo abaixo.

(41) olhando para os teus olhos, vejo de eles dizem que toda a minha ventura estão dentro deles. só [eles] poderão me dar força na hora de desalento, (J. período III – Cruz, 2021)

Observa-se também, com relação à ordem VS, que a frequência dessa construção já era baixa no século XIX, transitando entre 4% e 20%, com queda um pouco mais acentuada na segunda metade do século XX. É importante notar que o fato

<sup>12</sup> Neste gráfico, as abreviaturas “D.” e “N.” remetem a “dado” e “novo”, respectivamente. As abreviaturas são usadas por conta do pouco espaço disponível para a escrita por extenso.

de o sujeito veicular uma informação nova não favoreceu sua posposição nem no século XIX, nem no século XX, o que pode sinalizar que, excluindo-se contextos gramaticais favorecedores de posposição, apenas o *status* de informação nova não favorecia a ordem VS.

## Considerações Finais

Neste trabalho, apresentamos uma análise diacrônica comparativa do sujeito nulo, ordem VS e construções de focalização do sujeito. Nosso objetivo principal foi mostrar a relação entre a mudança no PSN com a ordem VS restrita a inacusativos e a mudança nas construções de focalização do sujeito.

Partimos dos pressupostos da Teoria Gerativa para nortear nossa pesquisa e desenvolver a análise quantitativa. Nossos resultados mostram dois cenários: uma gramática significativamente distinta (no que respeita às questões em análise) dos missivistas nascidos no século XIX e uma dos nascidos no século XX. Ao mesmo tempo em que ocorre a diminuição nos índices de sujeito nulo, ocorre a diminuição dos índices de VS e a restrição às construções inacusativas e vemos a especialização das clivadas para marcar foco contrastivo.

Se fizermos uma análise conjunta dos três fenômenos estudados, podemos associá-los a uma mesma mudança paramétrica, na medida em que as mudanças vistas na mesma amostra ocorrem no mesmo tempo: observamos uma diferença na escrita dos missivistas nascidos no século XIX em comparação com os missivistas nascidos no século XX. Com relação ao sujeito nulo, vemos uma diminuição do século XIX para o século XX, com alguns contextos sintáticos e semânticos de preferência pelo sujeito nulo. Com relação à ordem VS, vemos que, mesmo não sendo a ordem preferencial no século XIX, ao observarmos os contextos sintáticos e o *status* informacional do sujeito, há uma diferença: os altos índices de VS em construções interrogativas e inacusativas no século XIX. Com relação ao *status* informacional do sujeito, vemos que os maiores índices (em torno de 25%) de sujeito pós-verbal estão marcando informação nova, diferentemente de inferível ou evocada. Ao refinar a análise do que seja informação de foco, temos uma fotografia que também revela dois cenários: no século XIX observamos maiores índices de VS nas construções de informação nova com foco contrastivo ou não-contrastivo. Os índices mais altos de clivagem aparecem nos sujeitos com informação nova contrastiva. Já para o século XX, além de observarmos a diminuição de VS, ocorre um aumento de clivagem para marcação de foco contrastivo, independentemente do status informacional do sujeito.

Podemos, a partir dos dados quantitativos, ver que há uma diferença significativa entre os missivistas nascidos no século XIX e aqueles nascidos no século XX. Os resultados, de certa forma, confirmam as análises propostas, no sentido de haver uma relação entre VS e sujeito nulo: nas cartas dos missivistas nascidos no século XIX, em que os índices de sujeito nulo são mais altos, próximos aos índices do PE falado

atual, como mostramos na Tabela 1, observamos maiores índices de VS com sujeitos com *status* informacional de informação nova; e VS com sujeito focalizado. Por outro lado, nas cartas dos missivistas nascidos a partir do século XX, vemos a diminuição dos índices gerais de sujeito nulo, acompanhada de ordem VS praticamente só em contextos inacusativos e uma especialização da clivada para marcar foco contrastivo.

Por fim, podemos concluir que o presente trabalho pode contribuir para os estudos sobre as mudanças no PSN em amostras de textos brasileiros, na medida em que mostra que os resultados aqui analisados corroboram análises teóricas sobre a relação entre sujeito nulo e ordem VS.

## Referências

- AVELAR, J.; GALVES, C. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: COSTA, A.; FALÉ, I.; BARBOSA, P. (org.). Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. 2011. p. 49-65.
- BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.
- BERLINCK, R. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.
- CAVALCANTE, S. R. de O. Consequências da remarcação do PSN: novos dados para uma velha mudança. Apresentação de trabalho no XII Seminário do Romania Nova. UFSC, Florianópolis, SC, mar. 2024.
- CAVALCANTE, S. R. de O. Mudança na posição do sujeito em cartas pessoais brasileiras: a ordem VS e o estatuto informacional do sujeito. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 101-121, 2018.
- CRUZ, A. B. C. M. Mudança em foco: posição do sujeito e estratégias gramaticais de focalização. In: SILVEIRA, E. F. B.; ORSINI, M. T.; RODRIGUES, V. V. (org.). *Seleção de pesquisas em língua portuguesa (2019-2020)*. Rio de Janeiro: PPGLEV/UFRJ, 2021. p. 157-182.
- CYRINO, S. O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 1994.
- CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (org.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuet-Iberoamericana, 2000. p. 55-73.
- D’ALESSANDRO, R. Null Subjects. In: FABREGAS, A.; MATEU, J.; PUTNAM, M. (org.). *Contemporary Linguistic Parameters*. Bloomsbury Publishing. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/us/contemporary-linguistic-parameters-9781472532718/>.



DUARTE, M. E. L. A perda da ordem V(ERBO) S(SUJEITO) em interrogativas QU- no português do Brasil. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 8, n. especial, p. 37-52, 1992.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993. p. 107-128. (Reeditado pela Contexto em 2018.)

DUARTE, M. E. L. A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro. 1995. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo no português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES-MORAES, M. A. (org.). Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista. São Paulo: Contexto, 2018. p. 26-71.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. (org.). Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. p. 93-126.

EGUREN, L.; SORIANO, O. F. Introducción a una sintaxis minimista. Madrid: Gredos, 2004.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. O estado da arte dos estudos sobre sujeitos nulos, posições de sujeito e marcas flexionais. Revista Linguística, v. 13, p. 1-21, 2017.

GALVES, C. A gramática do português brasileiro. Línguas e Instrumentos Linguísticos, n. 1, p. 79-98, 1998.

GALVES, C. Ensaios sobre as gramáticas do português. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, C. Revisitando a concordância no Português Brasileiro. In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. (org.). Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. p. 127-150.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993. p. 31-50. (Reeditado pela Contexto em 2018.)

GALVES, C.; KROCH, A. Main Syntactic Changes from a Principle and Parameter View. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (org.). The Handbook of Portuguese Linguistics. New York: John Wiley & Sons, Inc., 2016. p. 487-503.

HOLMBERG, A. Null subject parameters. In: BIBERAUER, T. et al. (org.). Parametric Variation: null subjects in minimalist theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 88-124

KATO, M. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 375-385, jan.-abr. 2009.

KATO, M. The partial prodrop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (org.). Brazilian Portuguese and the null subject parameter. Frankfurt: Vervuet-Iberoamericana, 2000. p. 223-258.

KISS, K. Identificational focus versus information focus. *Language*, v. 74, n. 2, p. 245-273, 1998.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (org.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p. 699-729.

LIGHTFOOT, D. Grammatical approaches to syntactic change. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (org.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 495-508.

MACHADO, A. L. N. D. A ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro: um olhar diacrônico. In: SILVEIRA, E. F. B.; ORSINI, M. T.; RODRIGUES, V. V. (org.). *Seleção de pesquisas em Língua Portuguesa 2019-2020*. 1. ed. Rio de Janeiro: PPGLEV/UFRJ, 2021. p. 182-207.

MIOTO, C. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, v. 61, Curitiba: Editora UFPR, p. 169-189, 2003.

MODESTO, M. Null subjects without “rich” agreement. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (org.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuet-Iberoamericana, 2000. p. 147-174.

NICOLAU DE PAULA, M. As interrogativas-Q em peças portuguesas: uma análise da ordem VS/SV em comparação com peças brasileiras. *Episteme Transversalis*, v. 2, p. 40-50, 2018.

PILATI, E. Sobre a ordem verbo-sujeito no português brasileiro: 30 anos em mirada crítica. *Revista Linguística*, v. 12, p. 183-205, Rio de Janeiro, 2017.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (org.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

RIZZI, L. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, Department of Linguistics, 2005.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, focus and word order*. Cambridge: MIT Press, 1998.